



Essa Fantasia Idiota de Homem

Por Matheus Borges

Fazer escolhas se torna mais complicado a partir do momento em que nos vemos numa situação na qual devemos lidar com as consequências de nossas próprias decisões. Em maior ou menor escala, todos se confrontarão com um dilema durante alguma etapa crítica da vida. Os erros são comuns, mas encarar as sequelas decorrentes pode ser mais difícil do que fantasiar com viagens no tempo para voltar no passado e tentar novamente.

No cinema, abordar o tema da viagem no tempo sempre desperta a empatia de um grande público, que partilha deste desejo e que, por isso, consegue com facilidade se colocar no lugar do protagonista do filme em questão. Apesar de não ter a mesma popularidade de *De Volta Para o Futuro* (Robert Zemeckis, 1985) - que é citado e homenageado - ou *Efeito Borboleta* (Eric Bress e J. Mackye Gruber, 2004), o enigmático *Donnie Darko* (Richard Kelly, 2001) é bastante respeitado na categoria “cult”.

Estrelado por Jake Gyllenhaal, *Donnie Darko* é uma das maiores incógnitas do cinema do século XXI. Trata-se de uma complexa história sobre viagem no tempo contada de um modo singular, misturando ficção científica e filosofia. O filme ainda gera muita controvérsia, desentendimento e mistério ao público, que, quase sempre, o considera incompreensível.

Elemento indispensável em obras sobre viagem no tempo, a teoria do caos norteia a narrativa do começo ao fim, quando o protagonista volta ao passado para evitar a morte de sua namorada, o que acontece de maneira trágica, pois lhe custa a própria vida. Diferentemente de outros filmes que abordam o mesmo tema, *Donnie Darko* é contado na perspectiva de um garoto excêntrico.

Logo no início, Donnie nos é apresentado como um rapaz de hábitos incomuns, quando acorda no meio de uma estrada, vestindo pijamas, após ter passado a noite dormindo no asfalto com sua bicicleta caída ao lado. Apesar de inusitado, é um comportamento rotineiro da vida do protagonista, uma vez que não há reações como medo ou preocupação de sua parte e nem de sua família, que age como se nada tivesse acontecido.

Além de sofrer de sonambulismo frequente, o garoto é um adolescente rebelde e perturbado que tem alucinações. É visto com desdém pelos vizinhos e colegas de escola e está sempre cercado por tragédias

inexplicáveis, como a queda da turbina de um avião em cima de sua casa e uma inundação no prédio da escola.

O primeiro contato de Donnie com a questão da viagem no tempo é através de Frank, uma alucinação em forma de um grande coelho monstruoso, que anuncia uma contagem regressiva para o fim do mundo. Apesar do protagonista não se mostrar perturbado com as visões e seguir normalmente com sua vida, o interesse que nele é despertado o conduz à busca pelas respostas.

Seu professor de física menciona brevemente a teoria de Stephen Hawking sobre buracos de minhoca, e, aproximadamente na metade do filme, Donnie consegue ver o que parece ser um portal do tempo, que direciona os passos de todos os personagens, inclusive os seus.

Esse elemento talvez seja o mais confuso para o público. Sua natureza não é detalhadamente explicada, por isso há uma multiplicidade de diferentes teorias circulando pela internet que tentam elucidar tal fenômeno. Porém, o conceito científico, apesar de poder enriquecer a experiência do espectador com o filme, não é necessário para o entendimento do desfecho da obra.

A motivação de *Donnie Darko* para tal desfecho consiste em uma espécie de “anti-romance” que ele vive com sua namorada Gretchen. Diferentemente dos típicos romances colegiais, o encanto entre o casal nasce não por falarem de amor ou sobre seus sonhos, mas sim experiências que implicam problemas mentais, além do papo nerd sobre antissépticos. Aliado a esses fatores, o comportamento rebelde de Donnie, que provoca a irmã, insulta a mãe e a professora, faz do personagem um herói improvável, envolvido em um romance bastante incomum.

No final, pode não ser claro como exatamente *Donnie Darko* viaja no tempo, ou qual é a relação temporal estabelecida quando o personagem volta ao passado e a turbina desprende-se do avião, mas sabe-se que isso acontece. O herói improvável retorna e permanece no local onde seria atingido pelo objeto, ação que transforma a vida daqueles que passaram pela sua: a família está em luto, Frank vive, o escritor não tem seu segredo descoberto, e, o mais importante, Gretchen nunca o conheceu, portanto está salva.

Richard Kelly ainda arriscou um roteiro relacionado ao mundo de

Donnie Darko, *S. Darko* (Chris Fisher, 2009). A qualidade e o teor filosófico deixam a desejar em seus trabalhos posteriores, como *Southland Tales* (2006) e *A Caixa* (2010), o que faz de *Donnie Darko*, seu filme de estreia, o único marco de sua carreira até o momento.

O insucesso da aceitação do público reflete esta queda de qualidade, deixando evidente que, para aqueles que se aventuraram em conhecer a filmografia de Richard Kelly desde o fenômeno *Donnie Darko*, o diretor deixou de mergulhar na arte cinematográfica após o sucesso de seu primeiro filme, nos apresentando em seguida trabalhos superficiais que, embora possam parecer bem intencionados (sobretudo *A Caixa*, com seu dilema moral), não foram pensados e executados com o mesmo cuidado e dedicação.

Curiosamente, *Donnie Darko* é, de alguma maneira, relacionado a filmes como *Taxi Driver* (Martin Scorsese, 1976), *Clube da Luta* (David Fincher, 1999), *Pulp Fiction* (Quentin Tarantino, 1994) e *Laranja Mecânica* (Stanley Kubrick, 1971). Embora esses filmes não tenham absolutamente nada em comum, é interessante como a cultura “geek” os torna ícones referenciais de um cinema classificado como “cult”. Estão nas camisetas, canecas, almofadas, pôsteres, capas de celular... Também é interessante ver que o consumismo tem atingido uma esfera que engloba o cinema que vai além do mero entretenimento. Não sabemos se é uma apreciação honesta, mas se traz visibilidade para filmes de qualidade como estes, que assim seja. *Donnie Darko* é pop!

Por Matheus Borges